



O Gaiato

15 DE ABRIL DE 1972
ANO XXIX — N.º 733 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ACABA DE SAIR

A reedição do 2.º volume



PAI AMÉRICO

ISTO É
A CASA DO GAIATO

Quisérámos expedi-lo como Folar antecipado. Mas a dispersão das Festas não permitiu. O certo é que, apesar de tudo, cumprimos o plano. E a reedição vai sair — está a sair — perfumada com as hossanas e as alegrias da Ressurreição.

Subimos a tiragem para 10.000 exemplares. Já não chegam os tradicionais 7.500. Bom sinal. A propósito, que dizer da primeira edição deste 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato» (só 5.000 exemplares) evaporada num abrir e fechar d'olhos, por isso causa de muitos lamentos de tantos, tantos dos nossos amigos — que acordaram tarde!? Estou, ainda, a ouvi-los. E também as ressonâncias e despachos de Pai Américo, naquele breve lapso de quatro ou cinco anos...!

Cont. na QUARTA página

— Com todos os foros de acontecimento sensacional, aí estão as senhoras «Misses»! Também não nos podemos alhear do facto, aliás com toda a consideração pelas pessoas e pela sua liberdade. A avaliar pelo relevo que lhes dão os jornais e outros meios de informação, para lá das recepções havidas, das portas importantes franqueadas, dos passeios e das recepções noticiadas, das entrevistas e das declarações prestadas, até nos parece estarmos ante uma viragem decisiva da História Pátria. Será que, como a vida está cara e toda a gente se queixa, virá aí, finalmente, o bacalhau a pataco? Como, pelo que se vê, o dinheiro corre a jorros, talvez se trate de investimento cuja reprodutividade nos escape, mas para bem de todos nós! Ou, quem sabe, talvez se anseie pela promoção e dignificação da Mulher, libertando-a, finalmente, de tantos aviltamentos e sujeições que a impedem ainda de ocupar o seu verdadeiro lugar no Mundo! Exemplo para a Juventude, tão necessitada de motivações sérias e de orientações firmes e saudáveis na vida? Talvez, quem nos garante?!

— Temos pela Mulher um respeito sagrado. Admiramos os seus dotes e até aquilo que, tão injustamente, chamamos fraqueza. A sua beleza, que apreciamos, vemo-la como participação da própria Beleza divina. O belo é sempre belo. Queríamo-la, porém, considerada em toda a linha, na família e fora dela, não a esquecendo no seu papel de mãe e educadora, em que tem papel

Aqui Lisboa

inalienável e é insubstituível. Ora, não pensamos que isso se vise com as chamadas eleições das «Misses». Por detrás de tudo estão apenas interesses postos na venda e comercialização de produtos ou de bens, nesta sociedade sequiosa de lucros, custe o que custar,

cada vez mais desligada dos Valores morais. A caminhar assim, com os meios de publicidade de que se dispõe hoje em dia, teremos para breve, se é que já não existe, uma nova doença, a «missite», e a Mu-
Cont. na QUARTA página

Festas

No Sul e no Centro a actividade ferve. Sobretudo aqui, que a estreia é breve e a volta longa. E neste caso, a preparação da Festa não se refere somente à actuação nos palcos, mas também à organização do itinerário, à provisão dos comes e bebes e dos lugares onde descansar e, principalmente, à providência antecipada da vida que há-de continuar em Casa, na diligência de que seja ferida o menos possível pela ausência do padre e de grande parte da comunidade mais válida.

Se os nossos Amigos não nos levassem a mal, bom seria a Festa ano sim-ano não, como se assentou em Benguela e tem sido em Lourenço Marques. Não perderíamos o contacto. Ritmá-lo-famos em andamento mais suave: Em vez de em cada ano, um quarto dele assoberbado pela montagem da Festa, pela sua realização, pelo «desmanchar da tenda» — seria o mesmo esforço dividido por dois anos, o que reduziria a metade a perturbação.

Pai Américo, às vezes, suspirava, saudoso dos seus primeiros tempos de Coimbra, em que a sua vida de «Recoveiro dos Pobres» era andar por lá, deixando aqui o que recebera ali.

— Ai no que eu me meti! — desabafava ele.

E eu ria-me. E acabávamos os dois a rir.

Mas é verdade: a vida cresce. No princípio era o caos. Mas este caos tinha imensas margens de liberdade e uma graciosidade específica que deixam recordação. Depois a vida

Cont. na TERCEIRA página

Cont. na QUARTA página

Areias do Cavaco

Quadros da nossa vida — Era ainda manhã cedo. Olho pela janela da cozinha onde tomava o pequeno almoço e vejo que alguém me chama com um sinal discreto de mão. Fui atender. A cara não é desconhecida, mas não sei dizer quem é. Quantas vezes assim acontece! Sempre muito discreto, até na maneira como fala, aquele Senhor mete a mão ao bolso e tira um envelope que põe nas minhas mãos. Ao lado, um grupo dos Rapazes mais pequenos, de vassoira nas mãos, prepara-se para a limpeza das ruas e dos terreiros da Aldeia. Estão apressados para, de se-

guida, irem à praia tomar banho.

Aquele Senhor falou pouco, sem tirar os olhos do grupo que lhe prendia a atenção. «Às vezes esquecemo-nos das nossas obrigações», ia dizendo. Que era comerciante no Lobito. Que lhe passavam pelas mãos muitos papéis com contas todos os dias. Eram as contas da sua loja. Além daquelas, havia outras contas que não são facturadas em papéis e de que se sentia também responsável. Eram facturadas pelo Pai do Céu a favor dos «irmãos mais pequeninos». Ia falando, sem tirar os olhos da-

quele pequeno grupo encantador que estava ao nosso lado. Viera ali, dizia, para saldar sua dívida. Sentia-se devedor para com eles. O crédito ser-lhe-ia passado por Deus. Tanto dinheiro que se gasta mal gasto! Tanto dinheiro que se esbanja, como se não houvesse dívidas para com os irmãos necessitados! Tantas festas e comezainas! E contou-me um caso que presenciou na rua com dois daqueles pequenos quando andavam a vender «O Gaiato». Um caso que o edificou e que eu desconhecia.

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PASCOA — Dois apontamentos tradicionais:

Primeiro: *Os Pobres foram nossa companhia nas solenidades de Quinta Feira Santa. Em nossa Capela participaram nas cerimónias. Depois, juntaram connosco, festivamente.*

Segundo: *Muito satisfeitos, regressaram a casa, aguardando a manhã de Sábado Santo — nossa habitual visita extraordinária, para oferta do Folar. Pesado embrulho com arroz, açúcar, regueifa, bolachas, amêndoas, café, aletria, chouriço e tabaco para os fumadores.*

Manhã alegre, percorrendo montes e vales — sem as campainhas que vulgarmente acompanham o distinto séquito dos beneméritos e beneméritas do século, que preferem uma sessão solene, sob a presidência de individualidades de relevo e a bicha do costume. Será o Evangelho letra morta?!

Antecipámos os aleluias, com discreção, na manhã de Sábado Santo! Porém, o Senhor não se zangou connosco. Ele crucifica-se mas é todas as vezes que fazemos vista grossa aos males dos outros; ou quando espeznhamos a sua fraqueza — a sua miséria imerecida — com a nossa grandeza e auto-suficiência. Esse é o grande motivo da Paixão e das guerras.

O QUE RECEBEMOS — Atendendo à falta de tempo, por mor das Festas, não lançámos, este ano, um antecipado SOS para ajudas à despesa do Folar. O certo, porém, é que um núcleo de amigos supriu o nosso silêncio com uma presença activa! Demos graças a Deus.

Temos, a abrir, 20\$00 de Oledo e esta legenda saborosa: «...é uma migalha para as necessidades dos vossos Pobres; porém, logo que as minhas possibilidades o permitam farei nova pequena presença».

«Da leitora fiel do Seixal 500\$00 com amizade fraterna». A discreção, a perseverança, a oportunidade, são elementos de peso na balança da Vida. A sua presença, estimada amiga, faz-nos muito bem. E aos nossos Pobres, também.

Agora, é a presença de um casal do Porto — Estrada da Circunvalação. Outra, de uma «Desconhecida». Mais outra, de Maria da Glória, do Porto. E ainda outra, de Sassociras.

Mais 20\$00 de Fragozelo de Cima. O remanescente do pagamento da assinatura do Jornal do assinante 8527, que acentua: «Gostaria de ser mais assíduo junto dos vossos Pobres, mas nem sempre as coisas correm de feição...».

Aparece Lisboa com 50\$00, pela mão de Maria Mesquita. E mais 50\$00 do Funchal. E o costume da assinante 17022. E 100\$00 de um anónimo. E mais uma importância da assinante 24845, da Beira — Moçambique. E ainda mais 500\$00, num singelo cartão, expedido do Porto. Ó delicadeza cristã!

De algures, um pequeno embrulho com roupa de bebé «para um vice-tino dar a uma criança pobre, em agradecimento por Deus me dar um neto perfeito. Maria». Mais 20\$00, «contas do Porto», do assinante 13305. E, finalmente, surge o assinante 23259 com uma nota de 100\$00.

Os donativos convêm ser dirigidos à Conferência de Paço de Sousa.

JULIO MENDES



Paço de Sousa

FESTAS — Já terminaram as nossas Festas com grande alegria da parte dos nossos «artistas» — porque fomos correspondidos pelo Público da zona norte do País.

Para o ano que vem esperamos dar a saborear ao nosso simpático Público — que nos acolhe sempre com muito carinho — outras belas noites bem passadas.

No fim das Festas realizámos um passeio de confraternização, aliás muito justo pelo desgaste físico a que nos sujeitámos.

Eis o itinerário da passeata: Saímos de Casa por volta das 10 horas da manhã com destino a Monção, onde fizemos uma paragem, tendo almoçado a cerca de 16 km desta vila. Depois partimos para Valença. Visitámos a fortaleza e admirámos a linda cidade espanhola de Tuy. Cerca das 5 horas da tarde regressámos a Casa. Chegámos às 9 horas da noite. E assim terminou o nosso passeio — bem merecido.

TELESCOLA — Estão prestes a começar as aulas. Chegaram as notas. O aproveitamento deste período, pelo que nos parece, foi mais consolador para alguns! Quase todos, afinal. Esperamos que ainda sejam melhores para o próximo período. E consigam chegar todos ao fim.

Há tanto tempo não abordamos este assunto da habitação dos Pobres, que até pode parecer ultrapassado o problema pelas soluções. Quem dera! Mas a verdade é que embora muitos se tenham empenhado e se estejam empenhando na melhoria de algumas situações, elas são tantas e tão clamorosas, que mesmo trabalhando a um ritmo muitas vezes multiplicado, há que fazer para gerações. Problemas diversos a pedir diversos remédios, todos com a preocupação de se integrarem no princípio: que a Caridade seja alma da Justiça, nunca substitutiva dela.

A tentação de substituir pela Caridade o que a Justiça deve ter sido fonte abundante de complicações na vida e manutenção do Património dos Pobres, propriamente dito. Por isto e porque as condições sociológicas mudaram, a vida encareceu muito, mas há mais

EXPEDIÇÃO DO LIVRO — Já começaram a ser expedidos os primeiros livros do «ISTO É A CASA DO GAIATO» (2.º volume), para os nossos assinantes. Foram feitos uns sacos para embalagem, o que facilita tanto em produtividade como também no acondicionamento.

PASCOA — Mais um grande dia no qual se celebra a Ressurreição de Jesus.

Vivemos, em nossa Capela, toda a significativa Liturgia da Semana Santa.

E nosso almoço de domingo decorreu, como sempre, com grande alegria. No final vieram as amêndoas, em especial para os mais pequenos. Foi uma alegria. Para os maiores, também o tradicional cigarrito. O Sr. Padre Carlos nunca se esquece!

Luís Nunes Marques



SETUBAL

ANIVERSÁRIO — Senhor Padre Acílio fez anos.

Houve festa, não por gosto dele, mas por via do gosto da malta e porque é pai e tem muitos filhos e não pode festejar os anos de todos, concordou e rejubilou com a dita, festejando-se assim os aniversários de todos neste dia.

Todos fizeram festa e cada um à sua maneira escreveu e desenhou a comemorar o dia. Desde o mais pequeno ao maior, todos tiveram um gesto de simpatia ou de amor.

Ora, se numa família pequena se festeja um tal dia, porque não nesta?...

Uma palavra para vós, os mais velhos da Casa: quando festejardes este dia, tende sempre em mente o porquê do nascimento de alguém que Deus quis e encaminhou para conduzir almas para Ele.

AS «QUARESMAS» — Não falo de penitências, nem de jejuns. São eles mais uns bichos com asas

que aparecem vestidos de roxo no tempo da Quaresma. Tudo passaria despercebido se não houvesse deles a levá-los para a Capela e não houvesse delas a voar qu a andar no chão, saídas dos bolsos deles.

OUTRA MÃE — Temos uma Senhora nova.

Veio na altura em que mais precisávamos. O Pai do Céu sabe o que faz. Ela anda aqui prá'li ós saltinhos, a querer chegar a tudo. Gosta muito de respirar pureza e de ver tudo lindo e asseado. Ora, nós temos dois janelões junto do refeitório e ela diz que ficavam bem ali uns cortinados. Eles são altos e a Senhora é muito pequenina no pedir. Não há por aí quem ajude ao gosto desta Mãe?... Eu prometo fazer logo as galerias (sanefas), logo que saiba que há cortinados.

OFICINAS — São agora e vão sendo em crescimento, uma escola profissional e o mais que eles precisam para se colocarem na vida com os valores indispensáveis.

Temos muito que fazer e os Rapazes vão ganhando gosto.

O mestre da Serralharia teve que ir fazer uma operação ao estômago e a oficina foi comandada por eles, com «Joe» e «Jaleca» à frente e o entusiasmo de todos.

CÃES — Eu não sei de onde nem quem o trouxe. É o «Leãozinho» e basta para designar o cachorrinho que veio. Eu não lhe ligaria muito se não fossem os Rapazes...

Primeiro foi o «Faia» com o projecto para a casa do dito; depois é a cave do Lar que fica aberta e anda sempre suja por via do «menino» cachorro; depois é o «menino» que é disputado por todos, a ponto de o esconderem quando no fim de semana a malta do nosso Lar vai prá' «Casa grande».

Por tudo mais, por igualdade familiar entre o Lar e a «Casa grande», tenho que deixar todos os fregueses e olhar o projecto do «Faia», para que sua excelência o cachorro tenha habitação própria.

Ernesto Pinto

TEMPO PASCAL

Tempo de alegria, de Esperança, de profundo anseio de Paz.

Há dias vinha nos diários que o Senhor Governador Geral de Angola dissera:

«Esta nobre cidade de Carmona lança um apelo desinteressado e puro para que a razão domine finalmente as consciências, para que sejam postas em descanso as armas de guerra e substituídas profusamente por ferramentas geradoras de bem-estar e de felicidade para os indivíduos, para as famílias e para Angola, esta querida Angola que avança no caminho firme de uma autonomia que, respeitando os sentimentos humanos e os princípios constitucionais, se sente cada vez mais responsável pelo seu próprio destino».

«Passámos já tantos anos acumulando abalos, júbilos e emoções, que me permito, hoje, desejar ardentemente que se façam, com urgência, os esfor-

ços necessários para o estabelecimento consciente de planos de compreensão e entendimento que permitam terminar esta horrível luta fratricida, que não beneficia ninguém, que semeia dor e desolação e que atrasa o progresso desta Angola que, afinal, todos amamos entranhadamente».

«Rezemos hoje — acrescentou — pelos que tombaram. Mas façamos uma prece especialmente fervorosa para que em breve o Sol da paz cubra todo o território, onde o amor tenha destruído o ódio, onde a compreensão tenha substituído a divergência e onde a concórdia reine entre nós todos para sempre».

Não queremos perder as palavras do Sr. Governador Geral; e com elas fazemos, «urbi et orbe», os nossos votos pascais.

Visado pela
CENSURA



PATRIMONIO DOS POBRES

dinheiro nas mãos de quem antes quase o não conhecia (ainda que tudo muito longe de níveis desejáveis) — é que o Património se tem realizado mais numerosamente em formas de auto-construção, sem dúvida mais fáceis e mais dignas para aqueles que carecem de um bordão mas não de pernas para andar.

Ainda hoje na Missa se lia dos Actos dos Apóstolos aquele trecho que nos fala do coxo-mendigo à porta, chamada Formosa, do Templo de Jerusalém. Muitos lhe davam esmola. Pedro também foi suplicado. Mas como, felizmente,

não tinha ouro nem prata, deu-lhe o que tinha:

— «Olha para nós, Em nome de Jesus de Nazaré levanta-te e anda».

E o coxo levantou-se — e andava e saltava e não consta que voltasse a mendigar.

A hoje tão falada promoção, como se vê, fundamento bíblico, se o não tivera já, anterior a esta e sempre, um fundamento de razão.

Ora nesta doce tarefa de repartir o que nos dão por tantos que se nos dirigem, empenha-

CAL + VA RIO

Ultimamente tem sido uma invasão de técnicos entre nós! Eles chegam, miram, remiram, tomam notas e partem.

O técnico é um homem debruçado sobre um determinado campo de acção, especializado e entendido nele, que constrói o nosso tempo em moldes novos, tornando-se até elemento indispensável do viver moderno. Corre, porém, um grave risco, — o da deformação.

As pessoas para ele, não raro se tornam coisas manuseáveis; dados com que elabora projectos, estudos, operações: matéria prima ou transformada dum mundo diferente. As relações de pessoa a pessoa, de alma a alma, dissipam-se facilmente. As acções do homem são matematicamente projectadas, antevistas, fatais.

Mas o homem é um ser complexo demais, para ser simplesmente letra impassível duma equação.

A senhora Alice o confirma. Tenho em meu poder o officio de apresentação. O vício de anos desencadeou uma cirrose hepática «sem possibilidade de cura» e um consequente abandono total da familiar. As entidades oficiais fizeram-nos entrega da doente, em imobilização completa, para a sepultarmos, supunha eu, muito em breve. Ocorreu tudo, no entanto, ao invés. A consciência voltou. O andar surgiu de novo. E hoje ela é das doentes que mais trabalha durante o

dia. E que mais feliz se sente!

A Maria, da Nazaré, é também idêntica confirmação, de que muito pode suceder de positivo nas vidas declaradas negativas. A Maria sofreu meningite em pequena. Ficou sem mobilidade nos membros esquerdos. Não conheceu o pai. A mãe entrega-se a vida duvidosa e deixa a filha, só, num casebre, abandonada. «A pequena precisa, que lhe façam tudo, pois não tem capacidade para se bastar a si mesma. Precisa de uma tutela completa e permanente». Assim nos foi sugerido quando ela nos foi entregue. Contudo deu-se o invés. A pequena encontrou-se. Descobriu-se a si mesma. Verificou que pode tanto como os demais, apesar de fisicamente diminuída. E começou a ensaiar as suas forças. Hoje cuida de crianças totalmente incapazes, dando-lhes de comer, lavando-as e acarinhando-as. E quem lhe ensinou tudo isto? O homem é um ser desconcertante. Ela não tinha louça para comer. Não se lavava. Nunca teve carinhos! A Maria desmentiu os prognósticos.

A pequenita Cecília não tem ainda consciência disso, mas há-de tê-la. Vai nos seis anos. Orfã, sem consistência nas pernas débeis, sem vocabulário, sem a mãe junto dela, passava o dia todo dentro de caixa de madeira na lareira da cozinha. A mãe, pobre, ali a deixava enquanto ia angariar o sustento. — «Que nada havia a fazer» — disseram-lhe no hospital infantil da cidade. Concorde que não se obtinha resultado algum na sala de espera, no mensal «venha cá para o mês seguinte», e no olhar frio e superior sobre a pobreza de recursos da pobre mãe viúva. Mas a pequena Cecília hoje já fala. Já ri. Já canta e já anda e é bem mais feliz!

Se a técnica tivesse o acréscimo do amor e paciência que estes doentes devotam uns aos outros, quantos prodígios não se obtinham no nosso mundo moderno!

Padre Baptista

Propaganda
«O GALATO»

UM RECADO AOS ASSINANTES

DO JORNAL E DA EDITORIAL

Mudança de residência — Se mudar, ou mudou, de residência, envie-nos rapidamente a sua nova morada e a anterior — exactamente com o mesmo nome indicado no endereço do Jornal ou da embalagem de obras da nossa Editorial.

Adopte um só nome — Sempre que nos escreva, respeite — com exactidão — o nome pelo qual se inscreveu no nosso ficheiro.

Se em vossa casa for recebido o Jornal e obras da Editorial com nomes diferentes — marido e esposa, pai e filho(a), avó e neto(a), tio(a) e sobrinho(a), etc. — indique-nos qual deles prefere no endereço. Um só nome de inscrição para ambos os sectores simplifica-nos o serviço — e evita muitos problemas.

Contamos convosco. Obrigado.

PATRIMONIO DOS POBRES



Cont. da SEGUNDA página

dos na construção da sua casa, é sempre com intervenção dos Párocos, e só com ela, que nós agimos. Bela ocasião para distinguirmos trigo do joio; o que escreve para se libertar do importuno, que nada obtém de nós sem bater à porta do seu Pároco; e o que se interessa, faz o caso seu, e revela, nas linhas e entrelinhas, não só o conhecimento sério da Família por que nos interpela, como a profunda vontade de a remediar.

Há pouco apareceu aí correspondência de um Pároco, novo na idade e na freguesia. Não foi o primeiro a usar o sistema de uma pequena ficha para

cada Família, mas foi de verdade completo e substancial nas suas informações — o que nos permite ajuizar melhor dos problemas e decidir mais facilmente, além do que, várias vezes, nos edifica.

Alguns exemplos:

— F. — 43 anos — pedreiro.

Ela — 41 anos.

11 filhos — o mais velho, rapariga: 17 anos.

O mais novo — 1 ano.

Obs. - Alguns dos filhos manifestam nítida deficiência psíquica.

— F. — 32 anos — marceneiro.

Ela — 25 anos.

3 filhos — o mais velho: 5 anos.

O mais novo: 2 anos.

Obs. — a) Vivem com os pais dele.

Pai — 54 anos — jornalista.

Mãe — 67 anos.

b) A casa em referência é a reconstrução de uma velha casa, que o pai herdou e permite ao filho reconstruí-la, dado que é filho único e portanto vem a ser para ele.

c) É surdo-mudo e, todavia, dado o seu esforço e afinco, consegue ser um dos melhores artistas da oficina em que trabalha — o que lhe permite sustentar a casa, trazer os filhos muito limpos e, com sacrifício, viver honradamente.

— F. — 31 anos — marceneiro.

Ela — 29 anos.

3 filhos — o mais velho: 3 anos.

O mais novo: 4 meses.

Obs. — a) A casa em referência habitam-na há cerca de três anos; não receberam qualquer subsídio, talvez por não terem diligenciado; pelos atrasos de vida que lhe têm surgido, devem-na; por isso, creio que precisam de atenção igual à que se presta aos que se propõem construir.

b) Ele encontra-se hospitalizado em estado grave, segundo parece (agressão por motivos a apurar).

c) Prevê-se que comece já a ser um caso agudo de miséria.

Eu não omito nenhum destes pequenos permenores, de tão retratantes que os acho da atenção prestada pelo Pároco aos problemas próprios de cada um dos seus paroquianos.

Acresce que ele informa na carta que acompanha estas (e outras) fichas, da qualidade suficiente das construções e do dimensionamento delas — condição de base para podermos ajudar, pois em barracas ou coisa parecida não podemos colaborar.

Como vêem o Património não parou. Pela mão deste e de outros Párocos como este (tantos graças a Deus!), sempre o caudalzinho tem fecundado boas-vontades de ressurreição, quando não mesmo esforços heróicos.

Que os nossos leitores não parem no seu interesse activo. E despegando-se, embora, como tantos o têm feito, da ideia de uma casa com uma placa, deixem-nos repartir mesmo quantias grandes, em migalhas que vão ser o pão substancial de uma casa própria para tantas Famílias que, sem este dar-lhe-a-mão, jamais conseguiriam obter.



Cont. da PRIMEIRA página

Também fiquei edificado. Ouvi, ouvi. Era um mestre que falava. Não tinha cursos de Teologia e falava assim. Foi uma lição em poucos minutos.

Ainda a manhã ia a meio e uma mulher bate-nos à porta com quatro filhos a quem o pai faltara havia poucos meses. Repartimos com ela do envelope que horas antes havia sido posto em nossas mãos.

Quando os homens de dinheiro se lembrarem de que além das suas contas, outras há, a favor dos seus irmãos necessitados mais pequeninos, que a eles pertence saldar, deixarão de esbanjar o que julgam seu e passarão a ser mais justos.

x x x

A onda de imoralidade avança e tudo parece submergir. Existe uma campanha organizada, diabólica, para a destruição da sensibilidade moral. E cria confusão a ponto de se chamar bem ao que é intrinsecamente mal. É a inversão de valores. E a onda penetra mesmo nos santuários mais sagrados da família. Apregoa-se o amor livre como norma, sem medir as consequências trágicas que daí vêm. Caem sobre nós todos os dias. O número de mães solteiras cresce. O número grande de filhos que desconhecem o pai continua a ser uma triste acusação da sociedade que se diz mais perfeita. Fazem-se leis para estancar o mal. Falta a coragem para as fazer cumprir, porque

rareiam as consciências limpas, fonte da autoridade.

Há tempos veio a mãe solteira pedir que lhe ficássemos com o filho, pois não podia ganhar o pão doutra maneira. Perguntámos pelo pai. Não sabe dele. O filho passou a ser nosso. A mãe empregou-se. Não tardou que se visse a braços com outro filho, nas mesmas condições.

Hesitamos no caminho a seguir. Pensamos no filho mas temos que pensar igualmente na mãe. Não vá acontecer que, em vez de remediar, venhamos a ser oportunidade de novas desgraças. Estas mães, estes filhos, são as vítimas da campanha diabólica a que está sujeita a sociedade em que vivemos. Pena é que nem sempre haja consciência disso. É a literatura barata, são os filmes pagos pelos pais que se dizem bons e sustentam desse modo essa campanha demolidora e organizada.

As obras da nova Aldela — Pensámos ocupar novas instalações pelo Natal passado e seria o nosso presente de Natal. Não foi possível. Alimentámos a esperança de saborear o foliar da Páscoa dentro delas. E também não. Aguardamos. Os acabamentos são morosos e dispendiosos. A Serralharia está ocupada com as camas. A Carpintaria com o resto da mobília. As casas erguem-se airoso. Entretanto, vão chegando ajudas para os colchões. São 125.

Padre Manuel António



Cont. da PRIMEIRA página

crece; exige necessariamente organização... E, tal como acontece aos magnates deste mundo, atropelados pela máquina que montaram — até nós, pobres, somos devorados pela dimensão da Família, cada vez mais numerosa, cada vez

FESTAS

mais dispersa — tudo a pedir-nos uma atenção privada, sempre mais difícil de prestar.

Daf... que bom seria a Festa ano sim-ano não!

x x x

Mas as Festas trazem-nos muitas alegrias e compensações.

Agora falo no rescaldo das do norte. Já uma vez, há bas-

tantes anos, coincidiu a Festa no Porto com um Portugal-Espanha de hoquei patinado no Palácio dos Desportos. Temeu-se a concorrência... mas sem razão.

De outra vez, não era muito sã a ordem pública e os mais pacatos não saíam de casa à noite... Até ao último dia, a

bilheteira fraquejou. Pois à hora, a lotação do Coliseu, esgotou. Isto no Porto. Mas aí temos nós raízes velhas e profundas! Este ano a prova foi Oliveira de Azemeis. Era a primeira vez que ali fomos. Coincidiu com o dia das «missas». Durante toda a tarde várias pessoas amigas nos lamentaram a ocorrência: — «Que pena, se não fôsse as «missas» a sala encher-se-ia...!».

Pois encheu. Sobraram 32 lugares, numa sala de perto do milho. Viva Oliveira de Azemeis e o seu Povo, que não foi na banalidade que a Televisão rasteirou!

x x x

Atenção gentes do Centro! Esta quinzena haverá Festas em:

Tomar	17 de Abril
Anadia	18 »
Marinha Grande ...	19 »
Arganil	22 »
Covilhã	24 »
Fundão	25 »
Castelo Branco	26 »
Guarda	29 »
Seia	30 »

Atenção gentes do Sul! Esta quinzena terão Festa em:

Setúbal	12 de Abril
Palmela	16 »



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

lher já não será estimada e impulsionada pelas suas qualidades e pelo seu carácter, mas perguntada das medidas do seu corpo e das respectivas relações, à maneira do que se averigua, salvo o devido respeito, nos concursos pecuários. Para as Jovens será meta que se propõe, em face das honrarias e dos louvores encomiásticos que em grandes parangonas aparecem nos órgãos de informação. O fútil, a vaidade, o luxo, as tintas e a fita métrica, entre outras notas sugestivas, serão os deuses. Tudo o mais será minimizado e, como a frescura física é efémera, o vazio rapidamente sobreviverá, com as consequentes frustrações. E ficaremos todos mais pobres, pois não nos

podemos dar ao luxo de dispensar «Mulheres fortes», à maneira do Evangelho, na vida familiar e fora dela, no respeito e na dedicação, de que só a companheira de Adão é capaz quando norteada por altos ideais. De resto, quanto mais não fosse, como só a Mulher é que pode ser Mãe, não podemos esquecer o atributo honroso que a própria natureza lhe confere. Isso a deveria pôr a coberto de agentes de vendas disto e daquilo, à custa do seu próprio pudor e delicadeza e com manifesto prejuízo da própria vocação natural.

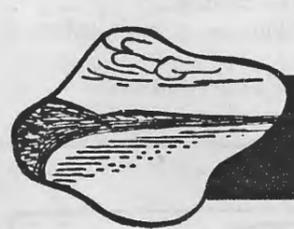
— Aqui deixamos em palavras singelas o nosso protesto amargurado. É que apalpamos com as nossas próprias mãos as sequelas do dessoramento moral e das demissões dos homens. Os Rapazes que aqui temos são uma acusação e as vítimas inocentes. Se estimássemos os Valores, em mais de 90% do casos, não teriam necessidade de virem até nós. E sem pessoas bem formadas não teremos famílias saudáveis e sólidas, sustentáculos duma sociedade feliz e próspera. Os índices físicos, os centímetros a mais ou a menos, nada são quando se esquecem ou degradam os valores morais, os únicos capazes de libertar os homens das suas escravidões e do seu egoísmo.

— Finalmente, a propósito do arrazoado acima explanado, queremos dizer-vos que chegaram até nós dois encantadores miúdos, Pedro e Paulo, de sua graça, respectivamente de 3 e 2 anos. Fomos buscá-los a uma barraca infecta, na Amadora. A mãe dorme de dia e vagueia de noite; do pai ou dos pais nada sabemos. São uma riqueza incensurável que nos saú a «tobol» da vida, graças a Deus. Ora sucede que os meninos, em virtude da alimentação (?) recebida até agora e da promiscuidade em que viviam, principalmente o mais pequenino, são destemperados dos intestinos. Para eles e outros precisamos de Almas devotadas que se esqueçam de si próprias e sejam capazes de vir em seu auxílio e de sujar as mãos na caca, com Vossa licença, que fazem nas calças. Quem vem e se preocupa com estas necessidades? E olhem que há mais à espera de carinhos e de cuidados! Estará seco o rio das generosas disponibilidades? Quem se importa e faz a publicidade ou debate os problemas que se nos põem por causa destes Pedros e Paulos? Acham que vale a pena? Quem vem, repetimos, e quer investir o capital de vida nestes negócios da caca e de coisas idênticas ou até piores, por amor a Deus e aos Homens, nossos Irmãos? Há tantas coisas sérias na vida que ficam para segundo plano!

Padre Luís

Veio, em visita, até nós uma senhora da Costa do Sol com um mealheiro de barro. Trazia no coração a alegria do dar e no rosto a expressão do gozo que a sua vida lhe dá. «Foram quantias que podia ter gasto no cabeleireiro, numas idas ao cinema, nuns jantares fora, ou nuns fins de semana. Não gostei. Pu-las no mealheiro... e... aqui tem.» À noite parti o cofre de barro e contei: — 1.887\$50.

É este o nosso dinheiro! Fruto de sacrifício! De renúncias a coisas que teriam sabido muito bem!... De amor purificado pelo domínio do egoísmo.



SETUBAL

Hoje, Sexta-feira-Santa, fui à oficina de serralharia da Secil, a convite dos operários, receber o produto de uma campanha nascida no coração de alguns e comunicada à consciência de todos em placares muito a seu jeito.

«Mais uma Páscoa chegando até nós.

A festa da verdade, em que todos os corações devem mostrar caridade.

Algumas secções da fábrica de cimento Secil não quiseram de modo algum ficar indi-

ferentes a este Santo Dia, e vêm por este meio pedir o vosso auxílio com que queirais contribuir para os pequenos da Casa do Gaiato, para que eles possam passar esta Festa mais feliz.

O Gaiato bem merece
Um gesto caritativo.
Desde já te agradece
Teu pequeno donativo.

Secções: Oficina Mecânica, Oficina Auto, Oficina Eléctrica, Fornos, Auxiliar, Construções, Pedreiras.»

O nosso dinheiro é arrancado ao magro salário de operários: — 3.750\$00.

A Néné criou tradição na sua campanha para a Páscoa dos Gaiatos. Como ando carregadinho de dívidas, pedi-lhe que me arranjasse dinheiro. Trouxe vinte quilos de amêndoas e 8.940\$30.

O nosso dinheiro é fruto de pequenas migalhas e da persistência de quem ama.

«Reverente e grato ao Senhor em comemoração da dolorosa Paixão e Morte do Redentor, incluo este pequeno contributo»: — dois pacotes de amêndoas e um cheque de 5 contos.

É um amigo de sempre. Na Eternidade saberemos quem amou e se escondeu.

O nosso dinheiro é fruto de Fé.

M. M. do Porto mil para a casa da Jesufna.

Comprámos o terreno. Quero ver se tenho quem me oriente a construção da casa. Como me soube bem lembrar M. M. do Porto.

Um casal amigo veio utilizar-me para receber o perdão de Deus. A despedida deixou-me mil. O nosso dinheiro é fruto da misericórdia de Deus!

Padre Acílio

ACABA DE SAIR

A reedição do 2.º volume do

«Isto é a Casa do Gaiato»

Cont. da PRIMEIRA página

Evidentemente que nem todos os assinantes da nossa Editorial terão na mão, ao mesmo tempo, o precioso volume reeditado. Seria exigir demasiado dos nossos quadros. Como, porém, uma parte dos leitores já sabe como decorre a nossa vida — sem as performances das médias e grandes editoras — contentar-se-ão, naturalmente, com a sua vez. E os assinantes das primeiras letras do alfabeto continuam, ainda agora, a receber as primícias...

No entanto, confirmamos inovações para eficácia dos serviços de ficheiro das nossas obras. Juntámos, em um só, os ficheiros do Jornal e da Editorial. Assinante que for de ambos os sectores tem as fichas juntas no mesmo local.

Benefícios: O leitor despacha remessas para o Jornal e esquece os livros? Dividimos o bolo. Muda de residência? Com uma penada resolvemos o problema. E tentamos, assim, acabar de vez — da nossa parte — com a velha e arrastada procriação de sarilhos, motivados por quem desconhece, naturalmente, os trâmites dum serviço simples mas complicado pela falta ou alteração de dados na vida altura.

Procuramos acertar agulhas. E esperamos ser correspondidos; sobretudo na resolução de casos muito frequentes. Um, para exemplo: determinados casais recebem o livro em nome da esposa (são tantos!) e o Jornal no do marido. Tenham paciência; optem por um ou por outro nome. Estamos no tempo das opções... E quando se nos dirigirem, assinalem, sempre com clareza, o nome exacto e definitivo da inscrição — para eliminarmos esta parcela do círculo vicioso. Entendido?

As épocas de acabamento e expedição de livros aquecem-nos a alma. Vim, agora mesmo, da nossa Encadernação. E

para lá um mundo de compositores, e de estudantes do Lar do Porto, requisitados nesta emergência. Nem tudo decorreu com 100% de eficácia. Mas pouco melhor se faria noutros lados, na generalidade. Aqui, ao meu lado, no escritório, desdobração daquela — já que a planta industrial da oficina não foi concebida para o que hoje deveria ser... e quem dera seja num próximo futuro — estão o Veiga e o Recocho na colagem das capas. A prateleira, cheia de exemplares que aguardam o fim da expedição do «Famoso» para começarmos a impressão dos endereços nos sacos destinados à embalagem da preciosa obra de Pai Américo. Outra inovação!

Entretanto, na mira de atingirmos o maior número de interessados por esta reedição, vamos mandar a todos os leitores uns postais-requisição, para aguçar o apetite de muitos mais, sobretudo daqueles cujo tempo é escasso para pegar numa caneta. São tantos hoje em dia! As vítimas do progresso...

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE